

Aquilombamento

por Stéfane Souto



Coordenação da coleção
Stéfane Souto

Coordenação de comunicação
Samir Pereira

Coordenação de conteúdo
Edição e revisão
Lara Carvalho

Projeto gráfico e diagramação
Carol Patriarca

Comunicação Digital
l'sis Almeida

Souto, Stéfane

O Mapa das Brechas: sobre quilombo, quilombismo, aquilombamentos / Stéfane Souto – 1. ed. – Salvador - Bahia – Cadernos Transatlânticos, 2024.

15p., 14 f.: il.; 21,01 x 29,71 cm.

1 livro digital: il. color.

E-book, no formato PDF.

Modo de acesso: <https://www.transatlantica.co>

1. Aquilombamento. 2. Quilombo. 3. Cultura afro-brasileira. I. Souto, Stéfane. II. Souto, Stéfane (org).

Realização:



Apoio:



Nascente

Com quais fundamentos se faz a gestão da cultura em afroperspectiva(s)? Quando nos conectamos com nossas fontes primordiais de saberes, inúmeras são as possibilidades. Através de uma curadoria sensível de temas e autorias que alimentam o fluxo da produção de conhecimento negro na contemporaneidade, a coleção Cadernos Transatlânticos apresenta textos ensaísticos originais, com o propósito de mapear, reunir e repercutir os referenciais teóricos possíveis para orientar uma outra construção sobre o campo da cultura. O projeto editorial da Transatlântica deseja ser um espaço de expressão e liberdade criativa no âmbito da pesquisa, atuando como multiplicador de horizontes de pensamento e atuação na cultura e na sociedade.

Desejamos, sobretudo, que os Cadernos sejam para quem os lê como uma bica ofertando novos mundos de forma abundante. Uma fonte natural. Um encontro de marés.

Afetuosamente,

Stéfane Souto

Coordenadora Editorial



O MAPA DAS BRECHAS: SOBRE QUILOMBO, QUILOMBISMO, AQUILOMBAMENTOS

Por Stéfane Souto

“Você só lê essas coisas de negro, minha neta?”, foi a pergunta feita pela minha avó ao entrar no meu quarto e observar os títulos na minha prateleira de livros. “O Quilombismo”¹, “Primavera Para As Rosas Negras”² e “Decolonialidade e Pensamento Afrodiaspórico”³ entre eles. Uma pergunta curta, aparentemente simples, que criou em mim um nó na garganta, daqueles que a gente não sabe bem de onde vem, nem para onde deve ir. Fica apenas rotacionando de forma desconfortável, com os nódulos batendo nas paredes da faringe, enquanto a expressão do rosto luta para se manter serena. “É porque é minha área de trabalho e estudo, vó,” foi a minha resposta para ela. Insuficiente, eu sei. Saiu assim. Senti-me mentirosa no mesmo momento em que verbalizei. Mas como eu poderia pôr em palavras uma verdade que, na maioria das vezes, surge emaranhada até mesmo para mim? Dizer “eu me cerco dessas leituras para me sentir menos sozinha. Porque eu sinto que preciso. E preciso porque não sei como seguir adiante sem antes entender as coisas que o seu silêncio, o da sua mãe e o da mãe da sua mãe não puderam me contar. Leio essas ‘coisas de negro’ para encontrar pistas nesse caminho a que vocês me trouxeram e no qual me deixaram com a responsabilidade de continuar o percurso”. Como?

*

“À revelia do mundo, eu as convoco a viver apesar de tudo. Na radicalidade do impossível. Aqui, onde todas as portas estão fechadas, e por isso mesmo somos levadas a conhecer o mapa das brechas.”

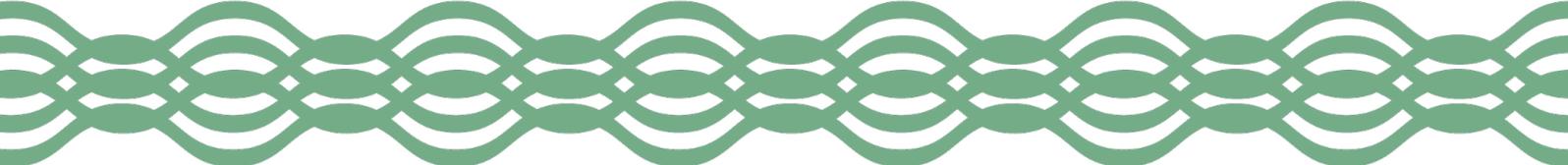
Jota Mombaça⁴

¹ NASCIMENTO, Abdias do: O Quilombismo. Petrópolis: Vozes, 1980.

² GONZALEZ, Lélia. Lélia Gonzalez: primavera para as rosas negras. São Paulo: UCPA Editora, 2018

³ BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón (Orgs). Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora (Coleção Cultura Negra e Identidades), 2019.

⁴ Jota Mombaça (Natal, Rio Grande do Norte, 1991) é artista interdisciplinar. Suas produções derivam da poesia, teoria crítica e performance. Tensiona questões de gênero, raça, origem, crítica colonial, monstruosidade e humanidade, entre outros temas. Em suas performances, desafia padrões, expondo práticas de violência e morte física e simbólica de corpos subalternizados.



*

Quando iniciei os meus estudos sobre o aquilombamento, eu estava em fuga. Fugir, no sentido de desobedecer à captura da normatividade buscando por um caminho alternativo, é uma constante da minha experiência. É mais forte do que eu. Sinto uma espécie de claustrofobia ao me ver atada a qualquer tipo de prescrição, então eu fujo. Naquele momento, no ano de 2018, eu me sentia assim, enclausurada, encurralada, e por isso estava planejando a minha fuga. Já contavam oito anos de atuação profissional no campo da cultura, estando há quatro anos graduada na faculdade de comunicação da Universidade Federal da Bahia. Tinha um trabalho fixo razoável numa instituição cultural, pagava o meu aluguel no centro da cidade, mas a sensação de ter atingido um limite do que poderia imaginar enquanto realização me fazia perder o sono.

Por um lado, na esfera íntima, escutava que eu já tinha ousado demais *dentro das nossas possibilidades*. Tinha estudado, contando com o suporte dos meus pais até onde foi possível, tinha escolhido atuar em uma área fora do convencional (Cultura? Vai trabalhar com o que? Vai ganhar dinheiro como?) e isso já era aventura o suficiente, quem sabe até demais. Por outro lado, na esfera profissional, percebia que era colocada para mim uma linha de chegada, sinalizando o fim de uma via. Eu já tinha uma posição, já adentrava alguns espaços e sentava em algumas mesas. Já era tolerada e ainda tinha a ousadia de falar e fazer pontuações críticas em algumas reuniões. Olha só, como é inteligente, pertinente, coerente. Impressionante, até mesmo surpreendente. O que mais poderia querer? Se contente e agradeça, os olhares me diziam.

Mas olha bem para mim, sou um corpo feminino, negro, nordestino, sexualmente dissidente, financeiramente pobre, de ascendência indígena capturada e roubada. Estou constantemente fugindo dos lugares pré-determinados para corpos como o meu. Fujo de toda expectativa que espera de mim obediência, servidão e resignação.

A posição em que eu me encontrava já fazia parte de uma rota desviante, *dentro das nossas possibilidades*, mas ainda não era o suficiente (e isso não é sobre alcançar um suposto topo ou ter condições de acumular materialidades), porque as tais possibilidades são finitas. Elas dizem sobre até onde podemos imaginar, até onde podemos sonhar, até onde podemos questionar e, inclusive, até onde podemos promover mudanças. Elas traçam uma linha fronteira entre o que está disponível para nós e o desconhecido mundo do que está além do alcance, e

fazem dessa linha uma fronteira ameaçadora e intransponível. Por isso é preciso permanecer dentro dela, essa zona que, senão segura ou sequer confortável, é a zona conhecida das nossas possibilidades.



Açúcar sobre fotografia
*Obra de Safira Moreira, comissionada pelo projeto
Acervo Imediato, da Denda Coletiva*

Mas veja bem, venho de uma linhagem de mulheres que foram até onde conseguiram, e elas me prepararam para conseguir mais do que isso. Ainda há tanto a ser experimentado, como eu poderia me dar por satisfeita? Ali, em 2018, pulsava uma urgência, uma necessidade, uma revolta catalisadora da expansão da consciência. Fugir do convencional, avançando algumas posições em relação às conquistas das gerações que me gestaram, não era suficiente. Isso já havia sido feito. O verdadeiro trabalho é romper com a lógica das possibilidades dispostas à mesa, romper com os limites, buscar libertar a ancestralidade, aqui apreendida como canal da força vital tal qual define a rainha-escritora Leda Maria Martins, da responsabilidade de atender à viabilidade contingente, no passado, no presente e no futuro, ainda que isso signifique tomar distância e deixar para trás os rastros que me orientaram até aqui. Segundo Martins:

a concepção ancestral, como um novelo, inclui, no mesmo circuito fenomenológico, as divindades, a natureza cósmica, a fauna, a flora, os elementos físicos, os mortos, os vivos e os que ainda vão nascer, concebidos como anéis de uma complementaridade necessária, em contínuo processo de transformação e de devir. No seu âmbito tudo se estabelece em relações interdependentes e mutuamente constitutivas. (MARTINS, 2021, p. 203)

Satisfazer-se sentando à mesa da oportunidade contingente é submeter a pulsão ancestral à escravidão. Não há força vital no interior da clausura, por isso é preciso caminhar rumo à infinitude da impossibilidade, para que esse venha a ser o porvir habitável pela nossa existência. E aqui estou, nesse território desconhecido, solitário, onde já não escuto bem as instruções da minha mãe e da minha avó. Agora como saber em que direção ir? Existirão novos rastros a seguir? Em 2018, eu estava procurando pelas brechas, pelas rotas desviantes, quando encontrei o trabalho sobre o sentido simbólico do quilombo no Brasil, elaborado por Beatriz Nascimento, como quem se depara com um ebó em meio à fuga. Faminta, comi da sua oferenda analítica⁵, arriado no centro da encruzilhada em que eu me encontrava.

*

Na década de 1970, durante a ditadura militar, uma nova perspectiva sobre a história do povo negro e do quilombo no Brasil foi inaugurada pela historiadora Beatriz Nascimento. Na contramão dos estudos vigentes, a pesquisadora propôs um estudo revisionista da história do Brasil, no qual a “cultura do negro” deveria ser reexaminada, não sob o ponto de vista da ideologia dominante, racialmente branca, que se tornou uma ideologia nacional, mas sob o ponto de vista das aspirações e necessidades do próprio povo negro, através do levantamento histórico da vivência negra no Brasil. A proposta de Beatriz Nascimento abrangeu a crítica à bibliografia existente sobre os quilombos, que os reduzia a reduto de pessoas escravizadas fugidas e definia seu fim de acordo com a abolição

⁵ Expressão cunhada pela pesquisadora Carla Akotirene e apresentada no livro “O que é Interseccionalidade”, escrito pela própria pesquisadora, para se referir às ferramentas teóricas criadas e usadas para pensar a experiência negra.

da escravidão no país. A perspectiva que a pesquisadora apresenta pretende evidenciar que o negro brasileiro possui uma herança histórica baseada não somente na experiência do cativo, mas também na liberdade.

Remontando ao quilombo enquanto espaço geográfico existente no período escravocrata, Beatriz Nascimento examina que o quilombo ultrapassa desde então o sentido de refúgio, esconderijo, para representar a formação de uma organização social alternativa e independente. Segundo a pesquisadora,

não foi apenas a necessidade de fugir que permitiu o estabelecimento da sociedade quilombola. Foi, isso sim, a capacidade de criar uma sociedade alternativa, com valores próprios, diferentes dos valores dominantes na sociedade em que os negros foram integrados à força. A fuga, no caso, era fundamental, uma vez que os negros, enquanto presos às fazendas, não tinham condições de enfrentar militarmente seus dominadores. Mas é ao organizar a sua própria sociedade que o negro se afirma e se torna autônomo. (NASCIMENTO, 1976, p. 130)

A esse momento de gozo da organização social e ideológica criada no quilombo, posterior à superação da etapa da luta pela fuga, a autora dá o nome de *Paz Quilombola*, período em que os territórios se desenvolviam social e economicamente, instaurando sistemas de agricultura, pecuária e relações comerciais.

Compreender que “o quilombo também foi uma forma de organização política e social com implicações ideológicas muito fortes na vida do negro”, nas palavras da própria Beatriz, insere na nossa perspectiva histórica uma dimensão simbólica inédita que, segundo a nossa autora, não pode ter sido simplesmente apagada da memória do povo negro com o fim da escravidão. Ao contrário, o sentido simbólico do quilombo perdura como uma tradição, uma forma de vida do povo negro brasileiro em qualquer época (NASCIMENTO, 2018). A essa práxis afro-brasileira, conformadora de uma resistente continuidade histórica e fundadora de uma tecnologia social ancestral, Abdias do Nascimento denominou

quilombismo, conceito apresentado em 1980. Segundo o artista e pesquisador,

“Precisamos e devemos codificar nossa experiência por nós mesmos, sistematizá-la, interpretá-la e tirar desse ato todas as lições teóricas e práticas, conforme a perspectiva exclusiva dos interesses da população negra e de sua respectiva visão de futuro. Esta se apresenta como a tarefa atual da geração afro-brasileira: edificar a ciência histórico-humanista do Quilombismo”. (NASCIMENTO apud SANTANA, 2022, p. 124)

No pensamento de Abdias, a existência negra é possível na articulação comunitária, baseada em valores culturais africanos, no exercício da liberdade e da dignidade dos quilombos (SANTANA, 2022). As oferendas teóricas deixadas por Beatriz Nascimento e Abdias do Nascimento apontam para uma abertura na rota da impossibilidade. Ao nos apontar o quilombo como referência não só de organização social, mas de forma de vida, suas contribuições nos oferecem uma tecnologia que expande nossas perspectivas de futuro, afinal, nunca é tarde para retornar ao passado e apanhar o que pode ter sido esquecido.⁶



Irun Ori
Foto de Juh Almeida

⁶Tradução possível do adinkra Sankofa, ideograma do povo Akan, pertencente à África Ocidental.

O quilombo tal qual entendido por Beatriz Nascimento e o saber denominado por Abdias do Nascimento como quilombismo forneceram a mim as ferramentas necessárias para desenvolver um trabalho no qual o meu corpo em fuga pudesse encontrar sentido, tomando o fazer cultural como campo possível de expressão do sentido simbólico do quilombo, da perpetuação do saber quilombista e, conseqüentemente, da promoção da existência e da experiência negra.

*

“Sem novas visões, não sabemos o que construir, apenas o que derrubar.”

Robin Kelley⁷

*

Recuperar o sentido simbólico do quilombo nos dá a possibilidade de refazê-lo, recriá-lo, reinventá-lo, e a esse movimento temos chamado de *aquilombamento*, ou seja, o ato de aquilombar-se, a condensação do espírito quilombista em coreografia que reinventa a paz quilombola. Para a atriz e pesquisadora Soraya Martins,

esses aquilombamentos são frinchas, brechas e aberturas estreitas no sistema que reagem ao colonialismo cultural e criam espaços para a experimentação em arte, para se produzir conhecimento sobre teatros, performances, dramaturgias e subjetividades negras. São lugares de experimentação artística, de trocas e tensões, de debates acerca das questões estéticas e da multiplicidade do fazer criativo. Além disso, apresentam-se como possibilidade de convívio, afeto, fortalecimento, sentido de pertencimento e amor, que cada vez mais tem que ser pensado na sua dimensão política, isto é, na perspectiva de politização do amor, como coloca bell hooks (2019), uma discussão crítica que considera que o amor precisa ser compreendido radicalmente como uma força poderosa que desafia, resiste e inventa caminhos de fuga à dominação. (MARTINS, 2023, p. 40)

⁷ Professor de história e estudos negros na UCLA (Universidade da Califórnia em Los Angeles). Suas pesquisas abordam a história dos movimentos sociais nos EUA, na diáspora africana e em África; intelectuais negros; música e cultura visual; surrealismo, marxismo, entre outros assuntos.

Os aquilombamentos são o resultado, a expressão ou a manifestação da continuidade histórica do quilombismo em cada corpo negro. Quanto aos seus efeitos, realizar esse percurso de retorno para o avanço, ida e volta, em um movimento espiralar, entre o quilombo, o quilombismo e os aquilombamentos, representa o rompimento com os limites impostos, uma vez que está completamente fora *das nossas possibilidades* tais quais estas são disponibilizadas dentro do cercado da colonialidade. No entanto, a elaboração tanto teórica quanto empírica do sentido simbólico do quilombo nas formas de ser, saber e fazer cultura da negrura na afrodiáspora não corresponde a uma sucessão linear de causa e efeito, tal relação se dá no movimento simultâneo, em todos os lugares, ao mesmo tempo. O tempo se apresenta aqui em sua dimensão ancestral e, segundo Leda Maria Martins,



o tempo ancestral não se contém nos limites de uma linearidade progressiva, em direção a um fim e a um páthos inexaurível, e nem se modula em círculos centrípetos fechados de repetições do mesmo. Em suas espirais tudo vai e tudo volta, não como uma similaridade especular, uma prevalência do mesmo, mas como instalação de um conhecimento, de uma sophya, que não é inerte ou paralisante, mas que cineticamente se refaz e se acumula no Mar-Oceano indeterminado do tempo ancestral, o tempo Kalunga, o tempo de Nzâmbi e de Olorum, um em si mesmo, íntegro e pleno, cuja recheada por instâncias de presente, de passado e de futuro, sem elisão, sem forclusão, sem sobressaltos, sem fim dos tempos. Um tempo espiralar. (MARTINS, 2023, p. 206)

Como nos diz Beatriz Nascimento, na perspectiva da vivência negra, o quilombo não pode ser resumido aos sentidos restritivos da fuga, guerra, refúgio, aglutinamento e esconderijo. Essas são etapas que compõem a formação do quilombo e sobre a qual se debruça a historiografia oficial, ideologicamente branca. Mas, uma vez constituído, o quilombo verdadeiramente contribui para a história do povo afrobrasileiro ao estabelecer uma organização que nos permite

alforriar a nossa capacidade imaginativa, sendo essa

uma alternativa a escravidão mental a que estamos acometidos. Organizar a cabeça, limpar os espaços do pensamento, encorajar os sonhos, dançar com espíritos, esses são elementos essenciais na busca pela libertação da percepção. Nestes casos, recomenda-se a fuga de tudo aquilo que nos mantém inerte, a distância daquilo que nos faz pensar em uma única forma para as coisas, um único trilha para o tempo, uma única encruzilhada para a vida. (GRILO, 2024)

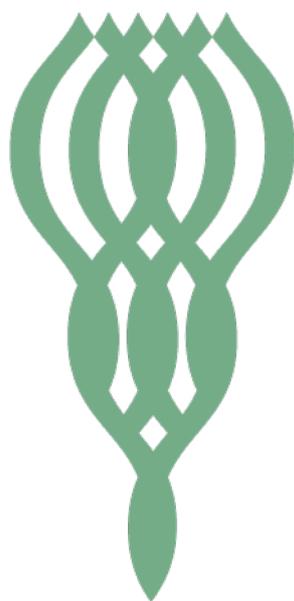


Um transe de dez milésimos de segundo, Jamile Cazumbá
Foto de Gabriel Palha, comissionada pelo projeto Acervo Imediato, da Denda Coletiva

Ou seja, a performance do sentido simbólico do quilombo no levantamento de aquilombamentos cria o espaço-tempo necessário para a expressão e expansão da *imaginação radical negra* que, segundo Nathalia Grilo, é a “habilidade experimental que permite a pessoas melanizadas a destreza para inaugurar mundos e alcançar futuros através de manifestações do agora” (GRILO, 2024). A experiência negra na diáspora precisa do aquilombamento para mirar-se em direção à infinitude da impossibilidade. O símbolo, o saber e o movimento, ou ainda, o sentido/significado, a tecnologia e a sua manifestação, presentifica a nossa ancestralidade, ou seja, tornam possível a nossa força vital aqui, agora e além.

Dito isso, talvez eu possa finalmente contar para minha vó que nessas “coisas de negro” que eu leio, venho montando o mapa das brechas, porque eu finalmente encontrei a rota de fuga. E, como alguém que transita entre tantos

tempos e acaba de chegar do futuro, lhe conto em segredo: “Vó, vou te levar comigo”.



REFERÊNCIAS

GRILO, Nathália. Imaginação radical negra: um fruto-mistério. Disponível em: <https://amarello.com.br/2023/07/cultura/imaginacao-radical-negra-um-fruto-misterio/>. Acesso em: 07 de maio de 2024.

MARTINS, Leda Maria. Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MARTINS, Soraya. Teatralidades-aquilombamento: várias formas de pensar-ser-estar em cena e no mundo. Belo Horizonte: Javali, 2023.

MOMBAÇA, Jota. Não vão nos matar agora. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

NASCIMENTO, Beatriz. O negro visto por ele mesmo. Rio de Janeiro, Revista Manchete, setembro, 1976, p.130-131.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. Beatriz Nascimento, Quilombola e Intelectual: Possibilidade nos dias de destruição. Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018.

SANTANA, Bianca. Arruda e Guiné: Resistência negra no Brasil contemporâneo. São Paulo: Fósforo, 2022.

Sobre a autora



Foto de Shai Andrade

Stéfane Souto, pesquisadora, gestora cultural, é baiana da cidade de Salvador. É mestra em cultura e sociedade (UFBA), especialista em gestão cultural contemporânea (Itaú Cultural/Singularidades) e bacharel em produção em comunicação e cultura pela Universidade Federal da Bahia. Foi organizadora e autora da publicação *Controversas - Perspectivas de Mulheres em Cultura e Sociedade*, publicado pela editora Pinaúna, criadora e apresentadora do podcast *É Tudo Quilombo?* e coordenadora artística da *Mostra Acervo Imediato*, realizada pela Denda Coletiva. É idealizadora, diretora executiva e criativa da *Transatlântica*, plataforma de criação cultural em afroperspectiva. Desde 2018, realiza projetos e pesquisas que transversalizam gestão cultural, aquilombamentos e repertórios poéticos plurais próprios da afrodiáspora.